

Organizadores:
Carlos Eduardo da Costa Campos
Luis Filipe Bantim de Assumpção

NUMISMA

Estudos Interdisciplinares sobre
Numismática Antiga



VOL. 1



Numisma:
Estudos interdisciplinares sobre
Numismática Antiga
Volume 1

Numisma:
Estudos interdisciplinares sobre
Numismática Antiga
Volume 1

Organização

Carlos Eduardo da Costa Campos
Luis Filipe Bantim de Assumpção



Vassouras
2024

Apoio:



© Universidade de Vassouras Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

O conteúdo desta obra é de responsabilidade de seus autores. As informações nele contida, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras e das demais instituições envolvidas.

Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra

Adm. Gustavo Oliveira do Amaral

Reitor da Universidade de Vassouras

Prof. D.Sc. Marco Antonio Soares de Souza

**Pró-Reitor de Pesquisa e
Pós-Graduação**

Prof. D.Sc. Carlos Eduardo Cardoso

**Pró-Reitora de Extensão
Universitária e Desporto**

Prof.^a Consuelo Mendes

**Assessor de Relações Institucionais da
Presidência da FUSVE**

Prof. M.Sc. Hamilton Moss de Souza

Pró-Reitora de Ciências Humanas

Prof.^a D.Sc. Adriana Vasconcelos da Silva
Bernardino

**Editora-Chefe das Revistas Online da
Universidade de Vassouras**

Prof.^a M.Sc. Lígia Marcondes Rodrigues dos
Santos

**Coordenador Local de Doutorado em
História e Coordenador de Pesquisa e
Extensão do campus Saquarema**

Prof. D.Sc. Luis Filipe Bantim de Assumpção

Organizadores

Prof. D.Sc. Carlos Eduardo da Costa Campos

Prof. D.Sc. Luis Filipe Bantim de Assumpção

Conselho Executivo

Prof.a D.Sc. Aline Vanessa Locastre (UEMS)

Prof. D. Sc. André da Silva Bueno (UERJ)

Prof.a. D.Sc. Airan dos Santos Borges (UFRN)

Prof. D.Sc. Carlos Eduardo Cardoso (Univassouras)

Prof. D. Sc. Carlos Eduardo da Costa Campos (UFMS)

Prof. D.Sc. César Fornis (Universidade de Sevilla)

Prof.a D.Sc. Cristina de Souza Agostini (UFMS)

Prof.a D. Sc. Dilza Porto (UFMS)

Prof.a D. Sc. Dolores Puga Alves de Sousa (UFMS)

Prof.a D. Sc. Fernanda Eugênia Puga de Magalhães (UMinho)

Prof. D. Sc. José Maria Gomes de Souza Neto (UPE)

Prof.a D. Sc. Lígia Carvalho (UEMS)

Prof. D.Sc. Luis Filipe Bantim de Assumpção (Univassouras)

Prof.a D. Sc. Maria do Carmo Franco Ribeiro (UMinho)

Prof. D.Sc. Rainer Guggenberger (UFRJ)

Prof.a D. Sc. Priscila Lini (UFMS)

Prof.a D. Sc. Vivina Dias Sol Queiróz (UFMS)

Conselho Consultivo

Prof. D.Sc. Adiel Queiroz Ricci (Univassouras)
Prof. D. Sc. Anderson de Araujo Martins Esteves (UFRJ)
Prof. D. Sc. Claudio Umpierre Carlan (UNIFAL)
Prof.a D.Sc. Fabiana Pereira do Amaral (UFRJ)
Prof. D.Sc. Fábio de Souza Lessa (UFRJ)
Prof. D. Sc. João Tavares Bastos (Univassouras-Maricá)
Prof. D. Sc. Jorge Antônio Paes Lopes (DRA-BL; SEEDUC-RJ)
Prof.a M. Sc. Laura Roseli Pael Duarte (UFMS)
Prof. D. Sc. Leandro Hecko (UFMS)
Prof.a D.Sc. Lia Raquel Toledo Brambilla Gasques (UFMS)
Prof.a D. Sc. Marinete Rodrigues (UEMS)
Prof.a M.Sc. Marcia Sena Barbosa Monsorez Ribeiro (Univassouras)
Prof. D. Sc. Marcus Vinicius Kelli (SME-RJ)
Prof.a D. Sc. Maria Cristina Bohn Martins (UNISINOS)
Prof.a M.Sc. Marinéa da Silva Figueira Rodrigues (Univassouras)
Prof. D. Sc. Paulo César dos Reis (Secult-Maricá)
Prof. D. Sc. Pedro Paulo Funari (UNICAMP)
Prof.a D. Sc. Roberta Alexandrina da Silva (UFPA)
Prof.a D. Sc. Semíramis Corsi Silva (UFMS)

Assessoria Executiva

Andreia Cristina Alcantara Paz (ICTIM)
Giselle Bastos Pereira (MHN)
João Gabriel da Silva Sanches (Lab ATRIVM / UFMS)
João Guilherme Vieira Poiati (Lab ATRIVM / UFMS)
José Natal (UPE)
Lara Fernandes (UMinho)
Lara Karinina Viana de Almeida (Lab ATRIVM / UFMS)
Leonardo Arguello Alves (Lab ATRIVM / UFMS)
Letícia Cézar Ruela (UMinho)
Luis Miguel Pereira Lacerda (Lab ATRIVM / UFMS)
Miguel Ângelo Oliveira de Almeida (Lab ATRIVM / UFMS)
Paula Aranha (MHN)
Pedro Collares (MHN)
Vinicius Rotheman Felipe Ortega (Lab ATRIVM / UFMS)

Diagramação e Editoração eletrônicas:

Prof. D.Sc. Luis Felipe Bantim de Assumpção
Aux. Acadêmico Luis Felipe Soares Gomes

Idealização / Projeto Gráfico / Arte da capa:

Miguel Angelo Oliveira de Almeida (UFMS)

Coletânea Numisma – ATRIVM / UFMS:

Coletânea que integra a série de publicações do Laboratório ATRIVM/UFMS, nessa edição foi realizada em parceria com a FUSVE, através da Univassouras e da PRPPG. A obra também é o resultado do Acordo de Cooperação UMinho x UFMS e da bolsa de

Produtividade PQ2 – CNPq, ambos relativos às atividades do Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos (UFMS).

Modo de acesso: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/PT/issue/view/299>

N918

Numisma: estudos interdisciplinares sobre numismática antiga volume 1. / Organizado por: Carlos Eduardo da Costa Campos, Luis Filipe Bantim de Assumpção . – Vassouras, RJ : Universidade de Vassouras, 2024.

296 f.; il.

Recurso eletrônico

Formato: E-book

ISBN: 978-65-87918-78-5

1. Antiguidades. 2. Numismática. 3. Cultura. I. Campos, Eduardo da Costa. II. Assumpção, Luis Filipe Bantim. III. Universidade de Vassouras. VI. Título.

Sumário

Prefácio

Fernanda Eugénia Puga de Magalhães 17

Apresentação

Fernanda Castro 21

As moedas também são nosso patrimônio? A importância do acervo numismático do Museu Histórico Nacional e sua relevância cultural e científica

Ricardo Luiz de Sousa & Cláudio Umpierre Carlan 25

2022: O centenário do Museu Histórico Nacional

Giselle Bastos Pereira 42

Evolução ideológica e cultural das moedas "gregas": Do tótem à religião de Estado

Maricé Martins Magalhães 556

As moedas do imperador Graciano no acervo do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro: Uma perspectiva de análise

Janira Feliciano Pohlmann 87

O projeto “Um dia no museu” e a interiorização do MHN em MS: Relatos de experiências

Carlos Eduardo da Costa Campos & Cristina de Souza Agostini 109

Uma introdução aos estudos sobre réplicas de moedas romanas orientais na China

André Bueno 125

“Mudras” na iconografia monetária do reino Indo-grego?

João Gomes Braatz 142

Os desafios nas análises numismáticas e arqueológicas sobre a Judaea-Palaestina sob dominação romana entre os séculos I AEC e II EC	
Vagner Carvalheiro Porto & Gladys Mary Santos Sales	159
Adriano: Entre a <i>História Augusta</i> e a numismática	
Filipe Noé da Silva & Pedro Paulo de A. Funari	195
Economia e sociedade em <i>Bracara Augusta</i>: O contributo dos tesouros numismáticos	
Diego Machado	219
Numismática: Moedas a serviço do conhecimento e do convívio	
Pedro Paulo A. Funari	251
Impacto social da Sociedade Numismática Brasileira	
Oswaldo M. Rodrigues Jr.	271
Biografias	293

Economia e sociedade em *Bracara Augusta*: O contributo dos tesouros numismáticos

Diego Machado

Introdução

O precoce contacto da região ocidental da área galaico bracarense com os exércitos romanos e a sua aparente pacificação, associada a uma reconhecida hierarquização do povoamento no século I a.C., terão porventura reforçado a especificidade cultural desta região meridional do NO peninsular relativamente às regiões mais setentrionais e interiores. De facto, este território possui traços culturais distintivos, particularmente perceptíveis na estruturação de um povoamento hierarquizado, encabeçado por *oppida*, povoados por vezes com quatro linhas de muralhas que encerravam grandes áreas, alguns com mais de 10 hectares, com uma organização ortogonal das áreas residenciais (Martins; Lemos; Pérez Losada, 2005).

Acrescem ainda outros traços diferenciadores, como a prática de colocar estátuas de guerreiros em pontos destacados das muralhas, que se supõe relacionada com processos de afirmação identitária das comunidades, bem como com a emergência de uma elite, que se afirmaria também através de uma linguagem decorativa que ornamenta as pedras formosas de alguns balneários ou as portas de algumas casas (Calo Lourido, 1994; González Ruibal, 2004; 2012).

Entre as questões historiográficas que tradicionalmente se colocaram, relativamente à integração e urbanização do NO, destaco três, cuja avaliação depende de dados de natureza textual e que se articulam diretamente com a reforma administrativa de Augusto, como seja, a integração provincial, a organização conventual e o estatuto jurídico das respetivas capitais.

Relativamente à integração provincial do NO sabe-se hoje, graças ao conteúdo da tabula de bronze de Bembibre, também chamada édito de El Bierzo, datada do ano 15 a.C., que as regiões de *Asturia* e *Callaecia* se encontravam nessa data integradas na província Transduriana, hipoteticamente criada em 25 a.C., para fazer face às necessidades militares e organizacionais associadas às guerras cantábricas e ao controlo do território, ainda que o seu efetivo funcionamento possa ser mais tardio, em torno do ano 22 a.C., por ação de *Lucio Sestio Quirinal* (Cavada Nieto; Villanueva Acuña, 2001).

No entanto, sabemos que a vida dessa província foi curta, tendo os territórios do NO acabado por ser integrados na Citerior, ainda durante a última estadia ocidental de Augusto, que terá tido por objetivo o ultimar da *divisio* provincial da Hispânia em três províncias e a organização da malha conventual. Sabe-se hoje que os conventos jurídicos foram uma criação de Augusto, tendo por base os dados propiciados pela tabula *Lougeiorum*, datada do ano 1 a.C., facto que não deixa dúvidas quanto à assinatura de Augusto na subdivisão das províncias em unidades administrativas de carácter judicial (Dopico Caínzos 1986).

Já a questão relativa à natureza jurídica das três capitais conventuais permanece problemática, dada a ausência de evidências epigráficas sugestivas do seu estatuto fundacional, ou mesmo sobre a sua eventual promoção municipal em época flávia. Por isso, considerando a relevância política e administrativa das três capitais de conventos do NO e sendo certo que possuíam instituições de governo semelhantes aos municípios, parece hoje bastante verossímil que possam ter gozado do direito latino desde a sua fundação (Le Roux, 1994; Dopico Caínzos, 2016).

A integração do noroeste ibérico ao Império Romano

A anexação do noroeste da Península Ibérica ao *imperium* de Roma, nos finais do século I a.C., uma vez terminadas as Guerras Cantábricas, permitiu a inserção de um

território vasto e densamente povoado à área de influência direta de um Império que se vinha constituindo há quatro séculos. Esse longo período de expansão e conquista permitiu aos romanos a constituição de mecanismos administrativos bastante eficazes, seja por sua capacidade de adaptação a diferentes realidades, ou pelo longo desenvolvimento que conheceu desde as primeiras cidades na Península Itálica, ainda no século IV, ou às diferentes regiões da *Hispania*, integradas paulatinamente desde a Segunda Guerra Púnica (Sewell, 2010). Administrativamente, a península conheceu uma nova divisão em três províncias, *Lusitania*, à sudoeste, *Baetica*, a sul, e a *Tarraconensis*, que ocupava a área norte e este, onde foram integradas as recentes conquistas.

O enquadramento pré-romano de *Bracara Augusta* é conhecido em resultado de um número significativo de trabalhos realizados sobre a ocupação proto-histórica, dispondo-se igualmente de uma boa base arqueológica para a caracterização do território no período romano. O conjunto dos dados disponíveis torna possível compreender as dinâmicas que presidiram à fundação da cidade, bem como os impactos decorrentes da criação dessa nova realidade (Carvalho, 2008).



Figura 1 – Mapa das *Hispaniae* com as principais cidades romanas (©Wiki Commons).

O inegável protagonismo assumido pelos indígenas na vida económica e na estrutura social de *Bracara Augusta*, bem documentado pela epigrafia, parece demonstrar que a sua criação se deveu a uma decisão política consensual entre Roma e as elites indígenas bracarenses, a qual terá sido precisada com os necessários instrumentos jurídicos e administrativos romanos. Somente após esses procedimentos se terão realizados os necessários trabalhos de *agrimensura*, certamente anteriores ao processo de povoamento da área urbana e das atividades construtivas que estariam já em desenvolvimento quando *Paulus Fabius Maximus* se deslocou à cidade, entre 3-2 a.C., na qualidade de legado imperial, e tomou parte da homenagem que os *bracaraugustani* prestaram a Augusto (Martins; Carvalho, 2016; Martins; Magalhães; Botica, 2019).

Em suma, a integração dos novos territórios deu-se a partir de dois vetores: por um lado, a máquina estatal através

de instrumentos administrativos e jurídicos que permitiram a articulação do noroeste com o Império, e por outro, por meio da fixação de agentes ligados às atividades comerciais de modo a expandir seus negócios através de acordos de *patrocinium* com as elites indígenas interessadas em manter os seus estatutos sociais. Cabe destacar, ainda, o dinamismo entre as capitais dos *conventus* e as capitais das províncias, como aconteceu no NO peninsular que mantinha uma forte ligação com Tarraco, capital da *Tarraconensis*, bem retratada nas carreiras políticas e religiosas de elementos de extrato indígena, já nas primeiras décadas (Étienne, 1974; Fishwick, 1987).

Aspetos urbanísticos e arquitetónicos de *Bracara Augusta*

O processo de materialização dos limites e a subdivisão do espaço físico da cidade de *Bracara Augusta* pode ser inferido a partir dos dados arqueológicos disponíveis, sendo possível estimar que a cidade teria o seu eixo maior no sentido E/O e uma área planificada de cerca de 29,85 hectares. Por outro lado, a valorização conjunta dos elementos determinantes da morfologia urbana forneceu-nos a base para restituir o módulo usado na marcação da cidade. Assim, os vestígios construtivos documentam que a cidade possuía uma orientação NNO/SSE, sendo a distância medida entre os eixos das ruas conhecidas de 156 *pedes*, quer no sentido N/S, quer no sentido E/O, facto que sugere um modelo planimétrico baseado no cruzamento de dois eixos principais, com subsequente marcação de eixos paralelos, que definiam uma grelha quadrada (Martins *et al.*, 2017a).

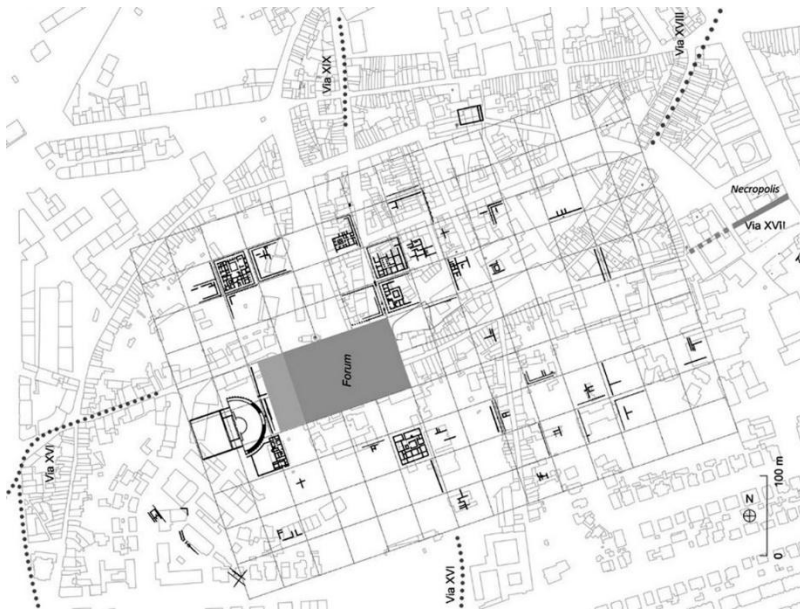


Figura 2 – Malha urbana de *Bracara Augusta* no século II (Martins; Magalhães, 2021, p. 416)

Já nas primeiras décadas após a fundação da cidade ter-se-ão iniciado as atividades construtivas associadas ao *forum*, que terão exigido uma considerável mão-de-obra indígena. No entanto, nada sabemos sobre a estrutura do centro administrativo e religioso de *Bracara Augusta*, uma vez que ainda não foi arqueologicamente intervencionado, sendo a sua localização conhecida sobretudo através de referências presentes na cartografia histórica da cidade (Martins *et al.*, 2017b, p. 254).

Podemos ainda atribuir ao período de Augusto alguns silhares que marcavam os limites dos quarteirões, alguns muros de contenção, construídos em aparelho poligonal de tradição indígena, bem como um invulgar espaço construído, cujas características sugerem a sua possível função como espaço comercial (Martins, 2005; Martins *et al.*, 2017a).

No entanto, a imagem que podemos recriar da cidade de Augusto e júlio cláudia em nada se assemelha à da cidade

de época flávia, pois datam já de um período avançado, entre finais do século I e os inícios do II, alguns dos principais equipamentos públicos reconhecidos pela Arqueologia, que representavam imprescindíveis *ornamenta* de qualquer cidade romana provincial, e a efetiva ocupação dos quarteirões habitacionais (Martins; Magalhães, 2021, p. 417-419).

O edifício comercial antes referido, datável dos inícios do século I, foi arrasado para a construção, nos inícios do século II, de umas termas públicas e um teatro anexo. Estes dois edifícios constituem os exemplares melhor conhecidos da arquitetura pública romana, situando-se nas imediações do *forum*. O edifício das termas ocupava uma área quadrada, com 150 *pedes* de lado, que incluía as zonas de banhos e de serviços e uma ampla *palaestra*. O primeiro projeto define uma construção retangular alongada que permitia uma circulação axial retrógrada. A área de banhos ocupava uma superfície reduzida, sendo composta por um amplo *apodyterium*, associado a uma piscina, por um *frigidarium*, também com uma piscina, dois *tepidaria* e um *caldarium*. O edifício foi objeto de sucessivas reformas até ao seu abandono, nos inícios do século V, tendo mantido, contudo, a sua configuração inicial (Martins, 2005; 2015).

O teatro anexo às termas, ainda em fase de escavação, possui uma *caenea* com diâmetro máximo de cerca de 70m, delimitada por um robusto muro perimetral com contrafortes. A *orchestra* possui 20,80 m de diâmetro máximo estando desprovida do pavimento, que seria constituído por grandes lajes de granito polido, tal como o *aditus* norte. O corpo cénico integrava o *pulpitum* com 7,37 m de profundidade por 29,54m de comprimento, estando limitado por duas basílicas, enquanto na parte traseira do teatro foi identificado um *porticus post scaenam*. O abandono do edifício ocorreu nos finais do século III, tendo sido parte de sua estrutura reaproveitada para a implantação da muralha, nos inícios do IV (Martins *et al.*, 2013; 2018b).

Uma vez que a estrutura urbana estava criada, foi iniciada a ocupação do parque habitacional da cidade, em

época flávia, que estava representado por *domus* que preenchiam a metade ou a totalidade dos quarteirões, rodeados por eixos pedonais porticados, e reproduziam, com grande qualidade, o léxico arquitetónico itálico nas plantas e na escolha dos materiais. Trata-se, maioritariamente, de *domus* de peristilo, ladeadas de pórticos que bordejavam as vias e facilitavam o acesso às lojas, que se desenvolviam na parte baixa das casas (Magalhães, 2016; 2019).

A única casa romana integralmente escavada em Braga está representada pela *domus* das Carvalheiras, que ocupava a totalidade de um quarteirão urbano, cujo primeiro projeto data da época flávia, oferecendo a particularidade de ser uma *domus* de átrio e peristilo. A construção exhibe características que podem ser consideradas típicas da arquitetura doméstica provincial, onde se testemunham os clássicos espaços de receção e representação, em torno das áreas abertas e ajardinadas do *atrium* e do *peristylium*. A casa sofreu uma primeira remodelação no século II, altura em que um quadrante da habitação foi sacrificado para a construção de um balneário para uso público. As sucessivas reformas do conjunto doméstico das Carvalheiras até aos séculos V/VI são reveladoras da sua longa ocupação, mas também da sua paulatina metamorfose, refletindo a evolução urbanística e arquitetónica dos quarteirões residenciais de *Bracara Augusta* (Martins; Ribeiro; Meireles, 2011; Ribeiro; Martins; Magalhães, 2016; Magalhães, 2019).

Em finais do século III, *Bracara Augusta* tornou-se capital da nova província da *Gallaecia*, criada por Diocleciano. O novo estatuto político da cidade no século IV terá justificado um importante programa de renovação urbana, perceptível pela remodelação de equipamentos de carácter público e pela generalizada renovação do parque habitacional. Enquanto capital provincial, *Bracara* constituiria, no século IV, uma cidade atrativa para todos os que procuravam competir pelos altos cargos administrativos do estado romano (Machado *et al.*, 2020).

A muralha, edificada no século IV, constitui o maior investimento construtivo deste período. A fortificação foi identificada através de escavações realizadas em áreas periféricas da cidade, que permitiram identificar vários tramos desta poderosa estrutura que cercava uma área de 48ha, ligeiramente mais ampla que a cidade planificada fundacional. A implantação desse aparelho defensivo resultou, ainda, numa maior hierarquização das vias públicas, tendo-se documentado o avanço da área construída privada sobre os eixos pedonais em diversas habitações e, em alguns casos, sobre as ruas, que, certamente, perderam importância face à limitação dos acessos à cidade, que estavam restritos às portas rasgadas no pano da muralha (Lemos; Leite; Cunha, 2007; Pereira, 2018).

A partir de finais do século III, muitas *domus* sofreram alterações substantivas, vendo desaparecer os pórticos, que foram integrados nas construções, ao mesmo tempo que adotam evidentes sinais de luxo, com a instalação de balneários privados, verificando-se igualmente o uso sistemático de mosaicos e de estuques a revestir os pavimentos e as paredes (Magalhães, 2010).

Um caso bastante paradigmático desse fenómeno pode ser observado na *domus* da Escola Velha da Sé, cujo quarteirão sofreu uma profunda remodelação nesse período, como consequência da aquisição dos dois lotes por um único *dominus*. O resultado dessa alteração tornou a área da antiga habitação a sul, de época flávia, um espaço certamente associado às práticas simposiásticas e de receção de *convivas*, fruto da transformação do peristilo num pátio aberto e com a instalação de um balneário na parte oeste do quarteirão (Magalhães, 2019).

Apesar do fim do domínio romano na Hispânia e a instalação dos Suevos na região da *Gallaecia* a florescente cidade do século IV persistiu nos séculos V e VI, tendo-se mantido ocupada na sua maior extensão, verificando-se a continuidade das importações e uma intensa atividade artesanal. Os dados disponíveis apontam para mudanças de

natureza sociocultural, reconhecendo-se um máximo aproveitamento das estruturas preexistentes, com reduzido investimento construtivo e uma clara ausência de soluções construtivas padronizadas. A primeira basílica paleocristã foi implantada onde teria existido um mercado, no setor nordeste do perímetro amuralhado, junto à cerca. As mudanças configuram, ainda, um novo modelo residencial, com o peristilo a ceder lugar ao pátio, que dava acesso a diferentes unidades habitacionais. Simultaneamente, assiste-se ao aparecimento de novos edifícios de carácter habitacional e artesanal, que se erguem, de forma orgânica, em anteriores espaços e edifícios públicos desafetados, como aconteceu na área do teatro (Martínez Peñín; Martins, 2016; Martins *et al.*, 2018a; Machado *et al.*, 2020).

Os tesouros numismáticos de contextos domésticos

No decorrer da atividade arqueológica que se realiza em Braga de forma sistemática desde 1976, no âmbito do Projeto de Salvamento de *Bracara Augusta*, foram efetuadas mais de 300 escavações, que veem proporcionando um surpreendente manancial de dados para o estudo da cidade romana e sua evolução em época medieval e moderna. Soma-se a essa vasta documentação os textos produzidos por eruditos modernos e investigadores dos inícios da contemporaneidade, anteriores aos desenvolvimentos epistemológicos e metodológicos que as ciências conheceram a partir da segunda metade do século XX, mas igualmente importantes para o conhecimento de realidades materiais que não se conservaram, ou encontram-se desaparecidas (Oliveira, 1985; Martins, 1991-92).

Nesse longo período de atividades arqueológicas, assim como na reunião de referências sobre achados fortuitos pela cidade, foram identificados seis tesouros numismáticos no interior de unidades habitacionais de *Bracara Augusta*.

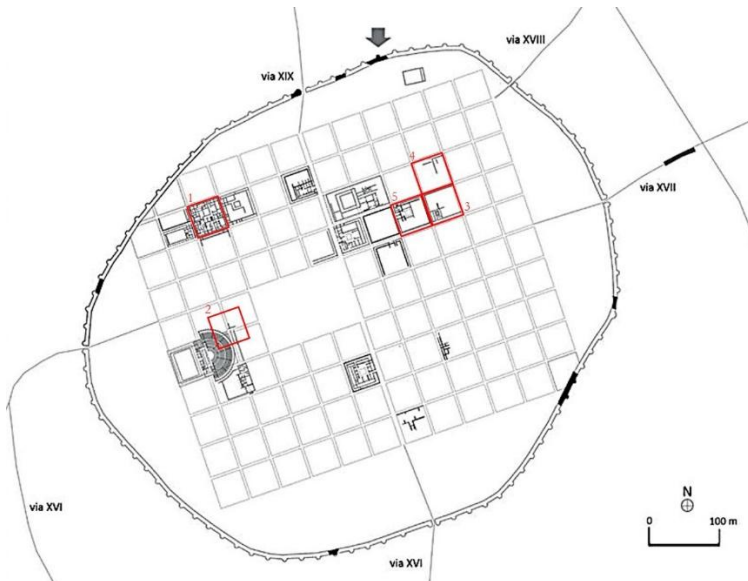


Figura 3 – Localização das zonas arqueológicas onde foram identificados os tesouros numismáticos: 1) Carvalheiras; 2) Casa da Bica; 3) Seminário de Santiago; 4) Rua Afonso Henriques n° 86; 5) Antiga Fábrica do Cardoso da Saudade (adapt. Martins; Magalhães, 2021, p. 421).

O tesouro das Carvalheiras

Em 1992 foi realizada uma campanha de escavações na *domus* das Carvalheiras que incidiu na plataforma norte, na área onde estavam localizados os compartimentos envolventes da área aberta que conformou o peristilo da casa flaviana. Em uma dessas estâncias foi identificado um tesouro composto por 44.970 moedas de bronze e 12 de prata, que se encontrava depositado junto à soleira da entrada de um desses compartimentos, cuja função havia sido modificada, a partir do século II, com a instalação, naquele setor do quarteirão, da palestra do *balneum*, convertendo-se assim em uma loja. Uma vez que a ocupação daquele sítio persiste até o século VII, e que o edifício termal deixa de funcionar nos finais do século IV, essas estruturas podem ter assumido novamente uma função residencial nesse período, apesar de não conseguirmos

restituir a planimetria desse novo edificado, mau grado a má conservação dos muros (Martins, 2015, p. 22-24; 1997-98, p. 35).

As moedas que compõem o tesouro não se encontram classificadas ou catalogadas, tendo sido apenas objeto de uma avaliação preliminar, que documenta a presença de um significativo conjunto de emissões datáveis do século IV, com grande presença das emissões de Constantino (Zabaleta Estévez, 1999, p. 84-85).

O tesouro da “Casa da Bica”

Durante a campanha de escavação realizada em 2015 no Teatro romano de *Bracara Augusta* uma das áreas intervencionadas incidiu num sector conhecido por “Casa da Bica”, uma unidade habitacional que aproveita o abandono do edifício de espetáculos, em finais do século III/inícios do IV. A cronologia de ocupação desta estrutura, tendo por base os materiais datantes, permite situá-la entre finais do século IV e o século VII (Martins *et al.*, 2016a). Nos referidos trabalhos arqueológicos foi identificado um tesouro composto por 371 moedas de bronze, que estaria envolto num saco em tecido, tendo sido encontrado num nível que integrava elementos do derrube da parede poente da construção, presumindo-se que nela teria sido escondido.

As moedas desse ocultamento foram analisadas com pormenor, facto que nos permite balizar as emissões entre os finais do século III e a primeira metade do V, apresentando como cunhagem mais antiga um *Ae3* a ostentar, no anverso, um busto radiado de *Tetricus I*, datável de 270-273, enquanto a mais recente está representada por *Ae4* fabricado em Roma, em 425-430, com os *signa* do imperador *Valentinianus III* (RIC X W. Empire 2132; Machado, 2017).

O tesouro do Seminário de Santiago

Em 2016, aquando de uma campanha de escavações nos claustros e jardins internos do Seminário de Santiago e Museu Pio XII com o objetivo de se verificar o potencial

arqueológico daqueles terrenos e o estado de conservação de eventuais vestígios construtivos que pudessem ali existir, foi identificado um tesouro composto por 481 moedas de bronze. Este pequeno ocultamento foi encontrado num nível de destruição, associado ao abandono do compartimento que foi construído na área do pórtico, aquando da reforma que a *domus* ali existente sofreu nos finais do século III/inícios do IV. Muito embora se desconheça a natureza das atividades que aí se desenrolaram é inquestionável que este novo espaço terá sido usado no século IV, podendo ter persistido ocupado ao longo da Antiguidade Tardia, tendo em conta os materiais associados aos níveis arqueológicos detetados (Martins *et al.*, 2016b).

Da mesma maneira que o tesouro anteriormente descrito, esse também foi alvo de um estudo mais aprofundado, facto que nos permite apresentar mais dados acerca de sua composição. Trata-se, com efeito, de um ocultamento composto por cunhagens bastante homogéneas, no que toca ao metal das moedas, exclusivamente representado por bronze, mas muito heterogéneo ao verificarmos as cronologias das emissões dos objetos. Com efeito, a cunhagem mais antiga identificada no ocultamento trata-se de um *Ae4* de *Diocletianus*, datável de 284-294 (RIC VII 299 Cyzicus), enquanto a mais recente está representada por um *Ae3* com os *signa* de *Valentinianus III*, produzido entre 425 e 435 (RIC X 2147; Machado *et al.*, 2021).

O tesouro da rua D. Afonso Henriques nº 86

Diferentemente dos demais ocultamentos, o tesouro da rua D. Afonso Henriques nº 86 não foi encontrado no âmbito de intervenções arqueológicas realizadas na cidade de Braga, mas durante umas obras realizadas numa habitação localizado naquele lote nos finais do século XIX, tendo sido referido, ao longo de décadas posteriores, por alguns eruditos e investigadores sempre de maneira diferentes e, por vezes, contrastante.

Aquando da sua deslocação a Braga, em março de 1896, José Leite de Vasconcelos terá tomado conhecimento de um tesouro composto por milhares de moedas romanas de cobre, chamadas por ele de ‘bronzes mínimos’, do qual dá conta na revista “O Arqueólogo Português”, na edição de 1918. Nesta publicação, o autor afirma que os objetos encontravam-se depositados em uma talha cerâmica e ainda assinala a presença maioritária de cunhagens de Constantino e transcreve alguns das legendas que se encontravam visíveis, designadamente *CRISPVS NOB CAES, LICINIVS.. N, FL CL IVLLIANVS, FL IVL CONSTANTIVS NOB, DN VALENS, CONSTANTIVS PF AVG, DN THEODOSIVS, VALENTINIANVS, DN GRATIANVS* (Vasconcelos, 1918, p. 357).

Um outro erudito dos finais do século XIX e inícios do XX, Albano Belino, produziu um catálogo das moedas da Sociedade Martins Sarmento, publicado em 1900, no qual salienta o aparecimento de duas moedas de ouro de *Honorius*, que teriam aparecido aquando da demolição de casas para a abertura da rua d’El Rei, atualmente rua D. Afonso Henriques, as quais acreditamos corresponderem a objetos pertencentes ao tesouro referido por Vasconcelos (Belino, 1900).

Trata-se de dois *solidi* de 395-402 (RIC X 1206) em que no anverso figura o busto de *Honorius* diademado voltado à direita com a legenda *D N HONORIVS P F AVG*. No reverso temos o imperador de pé, voltado à direita, com um estandarte na mão direita e a *Victoria* sob um globo na mão esquerda e a legenda *VICTORIA AVGGG* (apesar de Belino transcrever “*VICTORIA AVGG*”). No campo, o numisma apresenta a inscrição “*MD*”, que nos permite identificar a cidade em que a moeda foi cunhada, *Mediolanum* (Belino, 1900, p. 141; Kent, 1994, p. 318).

Eduardo Oliveira (1978), ao realizar um balanço dos apontamentos arqueológicos de José Teixeira, reitera as informações produzidas por José Leite de Vasconcelos e anexa uma fotografia com alguns exemplares dos numismas deste tesouro. A partir deste registo é possível perceber alguns

dos reversos das moedas provenientes deste ocultamento, dos quais salientamos os representantes da série *nota* com grinalda, acampamento militar, globo sobre altar (*beata tranquillitas, notis uicennialibus*), entre outros. Salientamos também a presença de anversos pertencentes à série póstuma de *Constantinus I* e à série urbana de *Roma* ou de *Constantinopolis* (Bruun, 1966; Kent, 1981).

Por fim, David Mendes (2015, p. 236), foi o primeiro a informar a quantidade de numismas identificados nesse tesouro, tendo assinalado um conjunto composto por 22.468 moedas de bronze e uma de prata.

A análise das moedas, segundo as referências apontadas por José Leite de Vasconcelos (1918), Albano Belino (1900), Eduardo Pires de Oliveira (1978) e David Mendes (2015), sinaliza um tesouro com grande concentração de moedas do século IV e com algumas ocorrências de objetos do início do século V. Em relação aos imperadores que o figuram, embora ainda restem muitas dúvidas, quando apresentamos todas as opções levantadas pelas descrições e fotografias apresentadas pelos autores, vemos uma alta concentração de peças da dinastia constantiniana, representadas por *Constantinus I* e *II*, *Constantius Gallus*, *Constantius II*, *Crispus*, *Licinius* e *Iulianus*, bem como de membros da dinastia valentiniana, com *Valens*, *Valentinianus I* e *II* e *Gratianus*, e theodosiana, dentre os quais *Honorius*, *Theodosius I* e *II* e *Valentinianus III*. Contudo, apesar de unânimes em relação ao aparecimento de milhares de bronzes, é indicado exclusivamente por Belino a presença de dois *solidi* e por Mendes de um *argenteus*.

Os tesouros da Antiga Fábrica do Cardoso da Saudade

Entre 1982 e 1983 foi realizada uma ampla campanha de escavação nos terrenos da antiga fábrica do Cardoso da Saudade. Nesta intervenção foi possível identificar um amplo conjunto de estruturas, cujas valas de fundação apresentam materiais de época romana com cronologias que vão do

século I ao V. Durante essas intervenções arqueológicas foram identificados dois tesouros monetários, compostos, respetivamente, por 595 e 851 numismas, cronologicamente situados no período tetrárquico, com ênfase no século IV (Delgado *et al.*, 1984, p. 95-97; 1989, p. 10-11; Mendes, 2015, p. 236).

Na verdade, os dados acerca da ocupação romana naquela área da cidade contam com relatos e intervenções desde os finais do século XIX. Albano Belino (1895, p. 99-100) relatou três epígrafes que estavam dispostas nos quintais de um edifício habitacional ali localizado, enquanto José Leite de Vasconcelos, em artigo publicado no *O Archeologo Português* (1918, p. 358), dá conta de um tanque retangular (5,33x3,97x1,86m) revestido com *opus tessellatum* no lastro e paredes, onde foram verificados temas relacionados com a fauna marinha, designadamente peixes policromados, contudo, o autor salienta que o mesmo foi destruído nos inícios do século XX.

Na segunda metade da centúria passada, em 1967, foram realizadas duas escavações arqueológicas, coordenadas por Rigaud de Sousa e Salette Ponte, com o objetivo de verificar o prolongamento das ruínas associadas ao peristilo de uma *domus* encontrado no ano anterior nas intervenções executadas no claustro do Seminário de Santiago. Apesar de não ter sido possível identificar, na área mais próxima ao edifício religioso, os vestígios da ocupação romana que se prolongaria, naquele quarteirão de *Bracara Augusta*, fruto do desmantelamento das estruturas mais antigas aquando do rebaixamento daqueles terrenos para a abertura da rua D. Gonçalo Pereira e largo de São Paulo (Sousa; Ponte, 1967, p. 2).

No ano seguinte, outra sondagem foi aberta, mais afastada, com o intuito de se verificar o estado de conservação das estruturas relatadas por José Leite de Vasconcelos. Nessa campanha foram identificados muros com cronologia romana, mas que foram bastante desbastados

para a construção do antigo Colégio de S. Paulo, fundado no século XVI (Sousa; Ponte, 1970, p. 393-394).

A partir dos dados disponíveis é possível caracterizar duas fases de ocupação desta zona arqueológica. A primeira estaria relacionada com a construção de uma habitação romana, nos finais do século I/inícios do século II, que teria sofrido uma reforma, provavelmente nos inícios do século IV, que resultou na implantação do mosaico policromado, fenómeno bem conhecido em outras *domus* da cidade, nas quais foi verificado, nesse período, amplas remodelações dos espaços de representação e um grande investimento em elementos decorativos e salas balneares (Magalhães, 2019).

Análise da composição dos tesouros da Casa da Bica e Seminário de Santiago

O significativo número de tesouros identificados em *Bracara Augusta*, provenientes de contextos domésticos, documenta a recorrência do excedente de numerário que foi alvo de ocultamentos na cidade no período baixo imperial. De modo geral, podemos salientar que esses conjuntos numismáticos apresentam configurações bastante aproximadas, em que se verifica uma grande presença de moedas do século IV, sobretudo cunhadas durante a dinastia constantiniana e uma considerável diminuição do numerário nos momentos posteriores.

Mau grado o baixo número de estudos já realizados sobre a composição desses ocultamentos, facto que dificulta uma análise pormenorizada de processos económicos que se desenrolariam na cidade durante o período tetrárquico, avaliaremos dois tesouros, que foram alvo de uma classificação integral de seus numismas, designadamente o da Casa da Bica e Seminário de Santiago⁷⁸ (Machado, 2017).

¹ *Dataset* das moedas do Seminário de Santiago:
<https://doi.org/10.34622/datarepositorium/ID6UZ5>
Dataset das moedas da Casa da Bica:
<https://doi.org/10.34622/datarepositorium/N2DS3A>

Análise do tesouro da Casa da Bica

O tesouro da Casa da Bica era composto por 371 moedas de bronze, das quais a mais antiga foi cunhada por *Tetricus I*, entre 270 e 273, e a mais recente está representada por uma emissão de *Valentinianus III*, de 430-437. A concentração de numismas emitidos pela família constantiniana corresponde a 63,34% do ocultamento, enquanto as emissões das duas dinastias seguintes reunidas, valentiniana e teodosiana, equivalem a 8,63%. Somado a isto, há ainda 104 exemplares, que perfazem 28,03% do tesouro, para os quais não foi possível realizar uma atribuição a uma das três dinastias da época.

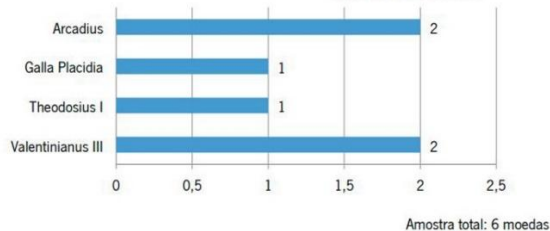
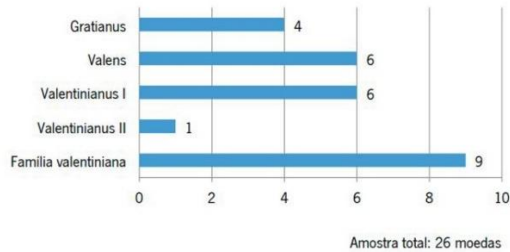
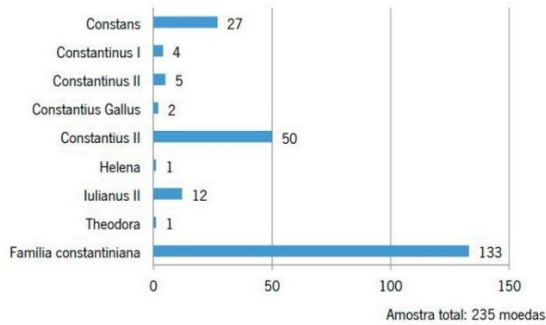


Figura 4 – Gráficos com a distribuição das moedas do tesouro da Casa da Bica por dinastias e imperadores ou imperatrizes (Machado, 2017, p. 77-78).

As moedas cuja casa de cunhagem foi possível identificar estão representadas em apenas 123 exemplares, que permitiram afinar a procedência a nível da cidade que os produziu, o que caracteriza 33,15% do ocultamento. Percebe-se uma significativa presença de cunhagens de *Arelate* e *Roma*, as quais correspondem a 52,03% desses objetos, mas igualmente foram identificadas emissões produzidas em diversas partes do Império, tanto Ocidental como Oriental, a exemplo de *Aquileia* ou *Lugdunum*, assim como *Thessalonica* ou *Antioquia*.

Análise do tesouro do Seminário de Santiago

O tesouro da *domus* de Santiago é composto por 481 moedas de bronze, das quais a mais antiga está representada pela emissão de um *Ae4* de Diocleciano, de 284-294, e a mais recente um *Ae3* de Valentiniano III, cuja datação pode ser balizada entre os anos 425 e 435. Contudo, apesar dessas cunhagens realizadas nos séculos III e V, todos os demais numismas associados a esse ocultamento foram produzidos no século IV. Apesar do desgaste dos objetos, que dificulta a leitura dos *signa* e, conseqüentemente, a classificação dos mesmos, grande parte deles apresenta leitura a nível da entidade que o emitiu, com exceção de cerca de 30% do material que se encontrava completamente ilegível.



Familia constantiniana



Familia valentiniana



Familia teodosiana



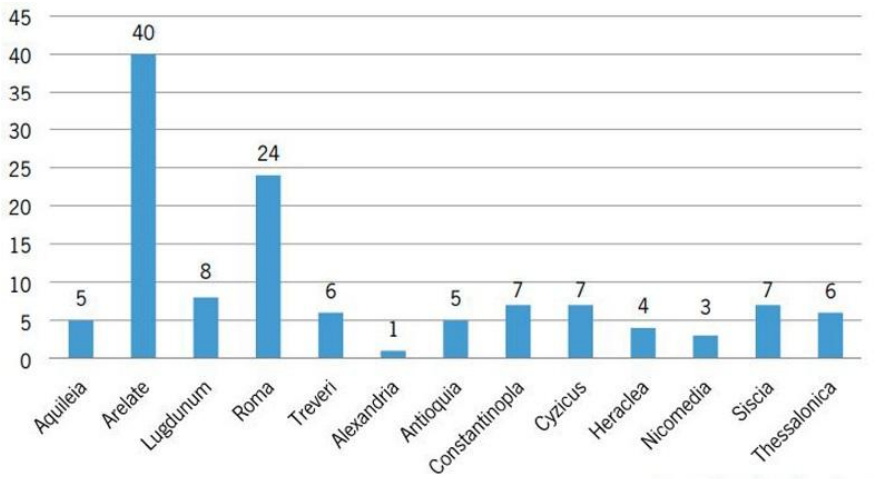
0 1 cm

1. *Ae4* Diocletianus; 2. *Ae3* Séric Urbana - *Constantinopolis*; 3. *Ae3* Séric Urbana - *Roma*; 4. *Ae3* *Constantinus Gallus*; 5. *Ae3* *Diuo Constantino*; 6. *Ae4* *Theodora*; 7. *Ae3* *Constantius II*; 8. *Ae3* *Helena*; 9. *Ae3* *Constantinus I*; 10. *Ae3* *Constans*; 11. *Ae3* *Valens*; 12. *Ae4* *Valentinianus II*; 13. *Ae3* *Valens*; 14. *Ae3* *Gratianus*; 15. *Ae3* *Valentinianus II*; 16. *Ae4* *Ilonorius*; 17. *Ae4* *Arcadius*; 18. *Ae4* *Arcadius*; 19. *Ae4* *Theodosius I*; 20. *Ae3* *Valentinianus III*.

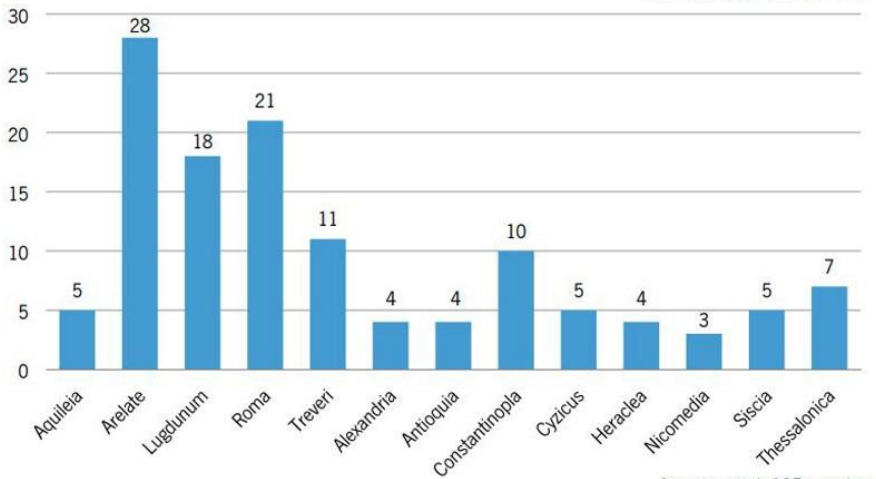
Figura 5 – Estampa com moedas do tesouro do Seminário de Santiago por dinastia e imperadores ou imperatrizes (Machado *et al.*, 2021, p. 93).

Estão presentes na composição do tesouro moedas das três dinastias que estiveram à frente do governo romano nos séculos IV e V, constantiniana, valentiniana e teodosiana, mas com diferenças quantitativas bastante expressivas. Mais de metade dos objetos, 58%, foi produzida sob a chancela de *Constantinus Magnus* e seus filhos, ou seja, data dos finais do século III até, sensivelmente, meados da década de 370. Por outro lado, ao analisarmos a quantidade de numismas de períodos posteriores, o número de objetos decai significativamente, embora a presença destas moedas esteja documentada ainda por pouco mais de meio século, tendo sido a mais recente cunhada sob Valentiniano III. O número de numismas emitido pelas dinastias valentiniana e teodosiana somam 36, o que representa cerca de 7% dos objetos classificados.

Contudo, diante à má conservação das peças e as dificuldades de se estabelecer estas informações em caso de ilegibilidade do exergo, apenas foi possível identificar a cidade onde a moeda foi produzida em 125 objetos, que representam 26% do total da amostra. De qualquer das formas, é possível identificar três oficinas que suportam, em grande medida, a massa monetária da cidade, *Arelate*, *Roma* e *Lugdunum*, que representam, no acervo estudado, 53% das marcas de cunhagem identificadas.



Amostra total: 123 moedas



Amostra total: 125 moedas

Figura 6 – Gráficos com a distribuição das moedas dos tesouros da Casa da Bica (superior) e Seminário de Santiago (inferior) com a proveniência identificada (Machado, 2017, p. 69; 80).

A diversidade de casas de cunhagem que abasteciam a cidade pode indicar o bom funcionamento das rotas terrestres e marítimas que asseguravam a integração das províncias e a circulação de bens dentro do Império. Com efeito, a generalidade dos padrões monetários analisados na Península

Ibérica atesta a sua inserção na área de influência das casas de cunhagem das *Galliae* e da *Italia* como aquelas responsáveis pelo aprovisionamento de numismas utilizados para o pagamento de salários associados à administração das províncias hispânicas, bem como à manutenção dos corpos militares que ao longo do período imperial estiveram estacionados em diversos pontos da península, especialmente no noroeste (Martínez Chico, 2020).

Considerações finais

Os tesouros numismáticos constituem um importante documento para o estudo das sociedades, seja por sua capacidade de reunir um grande número de exemplares de numismas e, de certa forma, promover uma melhor conservação do material, possibilitando a ampliação dos conhecimentos sobre as cunhagens em determinado período, ou por revelarem momentos de tensão e apreensão que tenham levado à retirada daquela massa monetária de circulação.

Os ocultamentos identificados em *Bracara Augusta* apresentam aspetos comuns relativamente à quase exclusividade de moedas em bronze e ao longo arco cronológico de suas produções, que abarcam desde as últimas décadas do século III até à primeira metade da quinta centúria.

A composição desses tesouros, pelo que se depreende tanto de notícias dispersas em publicações de eruditos e análises preliminares realizadas em escavações arqueológicas, bem como no estudo pormenorizado desenvolvido sobre os ocultamentos da Casa Bica e do Seminário de Santiago, sugere que tenham sido fruto de acumulações ao longo de décadas e que foram mantidos em locais escondidos no interior das habitações para, quando necessário, virem a ser utilizados pelos proprietários, como uma espécie de “cofre”.

No Dicionário de Numismática, ao verificarmos o verbete sobre o tema (Alfaro Asins *et al.*, 200, p.: 169 – s.v. *tesoro*), encontramos a classificação dos tesouros em cinco tipos diferentes tendo-se em perspectiva as circunstâncias do

abandono, modo de formação e composição, sendo um deles denominado “tesouro de poupança” (*tesoro de aborro*), definido por aqueles ocultamentos “constituídos ao longo de um longo período de tempo como uma reserva da riqueza pessoal ou familiar, geralmente constituídos por moedas de diferentes períodos”.

Essa linha de raciocínio parece-nos interessante tendo-se em consideração o baixo valor pecuniário dessas centenas ou milhares de moedas, representadas, sobretudo, por “bronzes mínimos”, como os *Ae3* e *Ae4*, e a residual presença de numerário com maior valor nominal, como as 12 moedas de prata das Carvalheiras e os eventuais *solidus* e *argentei* da rua D. Afonso Henriques.

Não obstante, o fato desses ocultamentos apresentarem objetos produzidos posteriormente ao ano 411, quando os suevos se instalaram no noroeste da Hispânia e estabeleceram como capital do reino a cidade de *Bracara*, parece sugerir alguma permanência de atividades comerciais com o Mediterrâneo, fenómeno bem avaliado através dos materiais identificados em níveis tardios do porto de Vigo, na costa da Galiza, Espanha, e nas *uillae* implantadas no entorno (Fernández Fernández, 2013), e que igualmente ecoa na continuidade da utilização, em *Bracara*, daqueles espaços como unidades habitacionais entre os séculos V e VII, ainda que com uma configuração diferente das *domus* do período clássico (Martins *et al.*, 2016c), assim como ao florescimento arquitetónico da região com a implantação de templos cristãos e de novas realidades construtivas e materiais na cidade (Fontes, 2015; Fontes *et al.*, 2010).

Acreditamos, portanto, que a configuração dos ocultamentos analisados é o resultado de um acúmulo de moedas realizado pelos proprietários ao longo dos séculos IV e V, pelo menos, e, devido à diminuição do numerário disponível em circulação na cidade com o fim da administração romana, viu-se sucessivamente subtraído dos objetos de maior cifra, em especial aqueles produzidos em

ouro ou prata, as cunhagens suevas, assim como os bronzes com maior valor.

Referências bibliográficas

ALFARO ASINS, C.; MARCOS ALONSO, C.; OTERO MORÁN, P.; GRANEDA MIÑÓN, P. **Diccionario de Numismática**. Madrid: Secretaría General Técnica, 2009.

AMARAL, L. **As moedas das Carvalheiras**. Contributo para o estudo da circulação monetária em Bracara Augusta. Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas 3. Braga, UAUM/Narq, 2007.

BELINO, A. Inscrições inéditas. **Revista de Guimarães**, Guimarães, v. 12, n. 3, p. 97-102, 1895.

BELINO, A. Catálogo das moedas romanas, celtiberas e visigodas pertencentes à Sociedade Martins Sarmento. **Revista de Guimarães**, Guimarães, v. 17, n. 3, p. 137-147, 1900.

BRUUN, P. **The Roman Imperial Coinage**. V. 7 – Constantinus to Licinius, 313-337 d.C.. Londres: Spink and Son, 1966.

CALO LOURIDO, F. **Plástica da Cultura Castrexa Galego-Portuguesa**. A Coruña: Fundación Barrié, 1994.

CARVALHO, H. O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis. 2008. **Tese** (Doutoramento em Arqueologia). Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2008.

CAVADA NIETO, M.; VILLANUEVA ACUÑA, M. El Edicto de Bembibre y las reformas administrativas de Augusto en el noroeste. In: **El bronce de Bembibre**. Un edicto del emperador Augusto. León: Junta de Castilla y León, 2001, p. 129-134.

DELGADO, M.; DIAS, L.; LEMOS, F.; PASCOAL, A. Intervenções na área urbana de Bracara Augusta (1983). **Cadernos de Arqueologia**, Braga, série II, n. 1, p. 95-106, 1984.

DELGADO, M.; MARTINS, M.; LEMOS, F. Dossier – Salvamento de Bracara Augusta. **Forum**, Braga, nº 6, p. 3-41, 1989.

DOPICO CAÍNZOS, M. D. Los conventus iuridici. Origen, cronología y naturaleza histórica. **Gerión**, Madrid, n. 4, p. 265-283, 1986.

DOPICO CAÍNZOS, M. D. Os inícios da urbanización no Noroeste: as capitales conventuais. In: DOPICO CAÍNZOS, M. D.; VILLANUEVA ACUÑA, M. **Clausus est Ianus**. Augusto e a transformación do noroeste hispano. Philtáte. Studia et acta antiquae Callaeciae Vol. 1. Lugo: Servizo de Publicacións da Deputación de Lugo, 2016, p. 259-284.

ÉTIENNE, R. **Le culte imperial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste a Dioclétien**. Paris: Boccard, 1974.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, A. **O comercio tardoantigo no Noroeste Peninsular**. Unha análise da gallaecia sueva e visigoda a través do rexistro arqueolóxico. Trivium 48. A Coruña: Editorial Toxosoutos, 2013.

FISHWICK, D. **The Imperial cult in the Latin west: studies in the ruler cult of the western provinces of the Roman Empire**. Leiden: Brill, 1987.

FONTES, L. Powers, Territories and Architecture in Northwest Portugal: An approach to the Christian landscapes of Braga between fifth and eleventh centuries. In: SÁNCHEZ-PARDO, J.; SHAPLAND, M. (Ed.). **Churches and Social Power in Early Medieval Europe: Integrating Archaeological and Historical approaches, 400-1100 AD**. Studies on the Early Middle Ages Series, 42. Turnhout: Brepols, 2015, p. 231-247.

FONTES, L.; MARTINS, M.; RIBEIRO, M. do C.; CARVALHO, H. A cidade de Braga e o seu território nos séculos V-VII. In: GARCÍA, A. (Ed.). **Espacios Urbanos en el Occidente Mediterráneo (s. VI-VIII)**. Toledo: Toletvm Visigodo, 2010, p. 255-262.

GONZÁLEZ RUIBAL, A. Artistic expression and material culture in celtic Callaecia. **E-keltoi**, Milwaukee, n. 6, p. 113-166, 2004.

GONZÁLEZ RUIBAL, A. The politics of identity: Ethnicity and the economy of power in Iron Age northwestern Iberia. In CIFANI, A.; STODDART, S. (Ed.). **Ethnicity and landscape in the ancient Mediterranean**. Oxford: Oxbow, 2012, p. 245-266.

KENT, J. **The Roman Imperial Coinage**. V. 8 – The Family of Constantine I, 337-364 d.C., Londres: Spink and Sons, 1981.

KENT, J. **The Roman Imperial Coinage**. v.10 – The Divided Empire and the Fall of the Western Parts, 395-491 d.C. Londres: Spink and Sons, 1994.

LE MOS, F.; LEITE, J.; CUNHA, A. A muralha romana (Baixo Império) de Bracara Augusta. In: RODRÍGUEZ COLMENERO, A.; RODÁ DE LLANZA, I. **Actas del Congreso Internacional Murallas de ciudades romanas en el Occidente del Imperio: Lucus Augusti como paradigma**. Lugo: Deputación de Lugo, Museo Provincial de Lugo, 2007, p. 329-341.

LE ROUX, P. Bracara Augusta, ville latine. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, Porto, v. 34, n. 1-2, p. 229-241, 1994.

MACHADO, D. Tesouros numismáticos baixo-imperiais de Bracara Augusta. 2017. **Dissertação** (Mestrado em Arqueologia). Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2017.

MACHADO, D.; MARTINS, M.; BOTICA, N.; MAGALHÃES, F. O tesouro baixo-imperial da domus de Santiago: contribuição para o conhecimento da circulação monetária em Bracara Augusta. In: PARRA-PÉREZ, S.; DÍAZ NAVARRO, S.; FERNÁNDEZ LOZANO, J.; JIMÉNEZ GADEA, J. (Orgs.). **The Archaeology of ‘Underdog Sites’ in the Douro Valley**. From Prehistory to the Modern Age. Oxford: Archaeopress, 2021, p. 187-198.

MACHADO, D.; MARTINS, M.; MAGALHÃES, F.; BOTICA, N. Dinâmicas económicas em Bracara na antiguidade tardia. In: ARNAUD, J.; NEVES, C.; MARTINS,

A. **Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão – Textos**. Porto: AAP/CITCEM, 2020, p. 1467-1478.

MAGALHÃES, F. *Arquitectura doméstica em Bracara Augusta*. 2010. **Dissertação** (Mestrado em Arqueologia). Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2010.

MAGALHÃES, F. Os espaços e as construções em Bracara Augusta. Instrumentos para o estudo do quotidiano no noroeste peninsular. **Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra**, Pamplona, v. 24, p.121-135, 2016.

MAGALHÃES, F. A domus Romana no NO peninsular. *Arquitetura, construção e sociabilidades*. 2019. **Tese** (Doutoramento em Arqueologia). Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2019.

MARTÍNEZ CHICO, D. Los tesoros imperiales de Hispania. 2020. **Tese** (Doutoramento em Geografia e História do Mediterrâneo desde a Pré-História à Idade Moderna). Departamento de Pré-História, Arqueologia e História Antiga, Universidade de Valência, Valência, 2020.

MARTÍNEZ PEÑÍN, R.; MARTINS, M. Characterization of late antique and Early Medieval pottery production of the city of Braga and its territory. **Arqueologia Medieval. Hàbitats Medievals**, Lleida, n. VIII, p. 53-67, 2016.

MARTINS, M. Bracara Augusta: a memória de uma cidade. **Cadernos de Arqueologia**, Braga, n. 8-9, p. 177-197, 1991-92.

MARTINS, M. A zona arqueológica das Carvalheiras. Balanço das escavações e interpretação do conjunto. **Cadernos de Arqueologia**, Braga. n.º. 14/15, pp. 23-45, 1997-98.

MARTINS, M. **As termas romanas do Alto da Cidade**: Um exemplo de arquitectura pública em Bracara Augusta. *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas 1*. Braga: UAUM/Narq, 2005.

MARTINS, M. Entre o ócio e a sociabilidade: o papel das termas públicas na vida social de Bracara Augusta. In: SILVA, G.; LEITE, L.; SILVA, E.; NETO, B. (Orgs.). **Cotidiano e**

Sociabilidades no Império Romano. Vitória: GM Editora, 2015, p. 67-81.

MARTINS, M.; CARVALHO, H. As transformações do território: Bracara Augusta e o seu cadastro. **Revista de Historiografia**, Madrid, nº 25, pp. 219-243, 2016.

MARTINS, M.; FONTES, L.; MAGALHÃES, F.; RIBEIRO, J.; BRAGA, C.; MARTÍNEZ PEÑIN, R.; SILVA, J. Trabalhos arqueológicos de Sondagens Preliminares. Projeto de Reabilitação do Claustro e da Domus Romana no Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo (Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo e Museu Pio XII/ Braga). **Relatório final**, UAUM, Braga, 2016b.

MARTINS, M.; LEMOS, F.; PÉREZ LOSADA, F. O povoamento romano no território dos galaicos bracarenses. In: GARCÍA DÍAZ, P.; FERNÁNDEZ OCHOA, C. **Unidad y diversidad en el arco Atlántico en época romana.** BAR International Series 1371. Oxford: BAR Publishing, 2005, p. 259-276.

MARTINS, M.; MAGALHÃES, F. Bracara Augusta. In: NOGALES BASARRATE, T. **Ciudades Romanas de Hispania.** Roma: L'Erma di Bretschneider, 2021, p. 413-425.

MARTINS, M.; MAGALHÃES, F.; BOTICA, N. O urbanismo fundacional de Bracara Augusta e Lucus Augusti. In: DOPICO CAÍNZOS, M. D.; VILLANUEVA ACUÑA, M. **Sine iniuria in pace vivatur.** A construción do Imperio durante os xulio-claudios. Philtáte. Studia et acta antiquae Callaeciae Vol. 3. Lugo: Servizo de Publicacións da Deputación de Lugo, 2019, p. 203-225.

MARTINS, M.; MAGALHÃES, F.; MARTÍNEZ PEÑÍN, R.; RIBEIRO, J. The housing evolution of Braga between Late Antiquity and the Early Middle Ages. **Arqueología Medieval. Hàbitats Medievals**, Lleida, n. VIII, p. 35-52, 2016.

MARTINS, M.; MAGALHÃES, F.; RIBEIRO, J.; MARTÍNEZ PEÑIN, R. Trabalhos arqueológicos em Bracara Augusta. Teatro Romano de Bracara Augusta 2015. **Relatório de progresso.** Braga: UAUM, 2016a.

MARTINS, M.; MAR, R.; RIBEIRO, J.; MAGALHÃES, F. A construção do teatro romano de Bracara Augusta. In: MELO, A.; RIBEIRO, M. do C. **História da Construção. Arquiteturas e técnicas construtivas.** Braga: CITCEM/LAMOP, 2013, p. 41-76.

MARTINS, M.; RIBEIRO, J.; MAGALHÃES, F.; BRAGA, C.; RIBEIRO, M. do C. O espaço construído de Bracara Augusta no Alto Império. In: DOPICO CAÍNZOS, M. D.; VILLANUEVA ACUÑA, M. In: **Roma nata, per Italiam fusa, in provincias manat.** A cidade romana no noroeste: novas perspectivas. Philtáte. Studia et acta antiquae Callaeciae Vol. 2. Lugo: Servizo de Publicacións da Deputación de Lugo, 2017b, p. 251-276.

MARTINS, M.; RIBEIRO, J.; MAGALHÃES, F.; MARTINÉZ PEÑIN, R. Braga em época tardo romana e tardo antiga. In: QUIROGA, J. **In Tempore Sueborum.** El Tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El Primer Reino Medieval de Occidente. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, 2018a, p. 236-240.

MARTINS, M.; RIBEIRO, J.; MARTINÉZ PEÑIN, R.; MAGALHÃES, F. A ocupação tardo antiga da área do teatro de Bracara Augusta. In: QUIROGA, J. **In Tempore Sueborum.** El Tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El Primer Reino Medieval de Occidente. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, 2018b, p. 241-246.

MARTINS, M.; RIBEIRO, M. do C.; RIBEIRO, J.; MAR, R. Topografía e urbanismo fundacional de Bracara Augusta. In: DOPICO CAÍNZOS, M. D.; VILLANUEVA ACUÑA, M. **In Roma nata, per Italiam fusa, in provincias manat.** A cidade romana no noroeste: novas perspectivas. Philtáte. Studia et acta antiquae Callaeciae; Vol. 2, Lugo: Servizo de Publicacións da Deputación de Lugo, 2017a, p. 203-225.

MARTINS, M.; RIBEIRO, M. do C.; MEIRELES, J. As termas públicas de Bracara Augusta e o abastecimento de água da cidade romana. In: COSTA SOLÉ, A.; PALAHÍ GRIMAL, L.; VIVÓ I CODINA, D. **Aquae Sacrae.** Agua y

sacralidade em época antiga. Girona: Universitat de Girona, 2011, p. 1-34.

MENDES, D. Um modelo de análise da circulação monetária em Bracara Augusta. In: MARTÍNEZ PEÑÍN, R.; CAVERO DOMÍNGUEZ, G. **Evolución de los espacios urbanos y sus territorios en el Noroeste de la Península Ibérica**. León: Instituto de Estudios Medievales da Universidad de León e Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, 2015, p. 219-238.

OLIVEIRA, E. O salvamento de Bracara Augusta. IV. Os apontamentos arqueológicos de Braga de José Teixeira. **Minia**, Braga, n. 2, p. 20-44, 1978.

OLIVEIRA, E. Notícias arqueológicas de Braga em jornais bracarenses (Estudos Bracarenses, 9). **Conimbriga**, Coimbra, v. XXIV, p. 5-83, 1985.

PEREIRA, F. A Zona Arqueológica do Fujacal e os impactos urbanísticos e topográficos da construção da muralha romana de Bracara Augusta. 2018. **Dissertação** (Mestrado em Arqueologia). Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2018.

PINTO, J. Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Tâmega. **Nummus**. Porto, XXXVIII/XXX, p. 7-299, 2005-2007.

RIBEIRO, J.; MAGALHÃES, F.; MARTINS, M. Meios, técnicas e custos de construção em Bracara Augusta no século II. O balneário das Carvalheiras. **Férvedes**, Vilalba, n. 8, p. 331-339, 2015.

SEWELL, J. **The formation of Roman urbanism 338-200 B.C.** Between contemporary foreign influence and Roman tradition. JRA Supplementary Series 79. Portsmouth: Journal of Roman Archaeology, 2010.

VASCONCELOS, J. Coisas Velhas: 96 - Braga romana. **O Archeologo Português**, Lisboa, n. 23, p. 356-360, 1918.

ZABALETA ESTEVÉZ, M. del M. Breve síntese sobre os estudos das moedas de Bracara Augusta – as moedas das termas do Alto da Cidade. **Forum**, Braga, n. 26, pp. 80-85, 1999.

Biografias

André Bueno – Professor adjunto de História Oriental na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Tem experiência na área de História e Filosofia, com ênfase em Sinologia. Diretor da Seção brasileira da Alaada - Associação Latino Americana de Estudos Asiáticos; membro da Rede Iberoamericana de Sinologia (Ribsi) e da International Confucian Association; da Red Sinolatina (Costa Rica) e da Red ALC-China (México); por fim, diretor do Projeto Orientalismo (UERJ) para divulgação e pesquisa de culturas asiáticas. Email: orientalismo@gmail.com

Carlos Eduardo da Costa Campos – Graduado, Mestre e Doutor em História pela UERJ, com ênfase em História Antiga Romana, bem como Doutor em Letras Clássicas pela UFRJ. Professor Adjunto de História Antiga e Arqueologia da FACH / UFMS. Membro do PROFHIST / UEMS e PPGAS / UFMS. Pós-doutorando em Arqueologia pela Universidade do Minho. Bolsista de Produtividade CNPQ – PQ2. Representante Técnico do Laboratório ATRIVM / UFMS. E-mail: carlos.campos@ufms.br

Cláudio Umpierre Carlan – Mestre em História pela UFF e Doutor em História pela UNICAMP. Professor Associado III de História Antiga e Diretor de Relações Internacionais e Interinstitucionais da Universidade Federal de Alfenas (Unifal/MG). Docente do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da UNIFAL. E-mail: claudio.carlan@unifal-mg.edu.br

Cristina de Souza Agostini – Graduada, Mestra e Doutora em Filosofia, com ênfase em Antiguidade, pela USP. Professora Adjunta de Filosofia Antiga da FACH / UFMS. Membro do PROF-FILO / UFMS. Docente Orientadora Bolsista Programa de Residência Pedagógica-Filosofia/UFMS. E-mail: cristina.agostini@ufms.br

Diego Santos Ferreira Machado – Licenciado em História (UNIRIO) e Arqueologia (UMinho), área na qual é igualmente mestre (UMinho) e atualmente doutorando (FCT/Lab2PT/UMinho). É investigador no Laboratório de Paisagens, Património e Território/Lab2PT onde desenvolve, junto à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho/UAUM, os seus estudos sobre as dinâmicas económicas e sociais da cidade de Braga em sua longa duração, com ênfase no período romano e medieval, através das materialidades arqueológicas. E-mail: diegosfmachado@gmail.com

Fernanda Eugénia Puga de Magalhães – Doutora em Arqueologia e Professora Auxiliar no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, onde é investigadora integrada do Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT) e do laboratório associado In2Past. Iniciou a sua atividade de investigação na mesma Universidade, na área da Arqueologia Urbana na cidade de Braga e pelo Projeto de Estudo e Salvamento de Bracara Augusta, em cujo âmbito dirigiu diversas intervenções arqueológicas. Atualmente, integra a equipa de investigação do “Projeto de Arqueologia de Braga. Topografia, urbanismo e arquitetura”. É, ainda, investigadora de várias redes de investigação internacional sobre o mundo romano, com destaque para a colaboração com a universidades espanholas, italianas e brasileiras. E-mail: fernanda.epmagalhaes@gmail.com

Fernanda Santana Rabello de Castro – Presidenta do Instituto Brasileiro de Museus (2023-), foi Diretora Substituta e Chefe da Divisão Técnica do Museu Histórico Nacional (2022). Licenciada e Bacharel em História (UFRJ, 2005), Especialista em Ensino de História e Cultura da África e do Negro no Brasil (UCAM, 2007), Mestre e Doutora em Educação (UFRJ, 2013/ UFF, 2018), é mestranda em Museologia na UFRGS (2021-). Foi professora de História no

Ensino Básico (2006-2010). Atuou como educadora museal no Museu da Chácara do Céu (2010-2019) e no Museu Histórico Nacional/IBRAM (2018-2021). Coordenou o Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Educação Museal da parceria entre IBRAM e SIERJ/FAETEC-RJ (2014-2016). Coordenou o Grupo de Pesquisa “Educação Museal: conceitos, história e políticas” do Diretório do Ibram no CNPq e professora do ProfHistória da UNIRIO. Integrou o Comitê Gestor da Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais do Rio de Janeiro (2013-2019) e o Comitê Gestor da REM Brasil (2014-2022). Integrou a Equipe da Política Nacional de Educação Museal/IBRAM (2012-2018). Foi Coordenadora do Comitê para Ação Educativa e Cultural do Conselho Internacional de Museus no Brasil (2021-2022). E-mail: fernanda.castro@museus.gov.br

Filipe Noé da Silva – Professor de História Antiga e Medieval na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Docente do Programa de Pós-graduação em História e do Programa de Mestrado Profissional em História (ProfHistória) nesta mesma instituição. Seus principais interesses são: Escravidão na Antiguidade; Teorias de Gênero e Estudos Clássicos; Epigrafia Latina; Literatura Latina; Arqueologia Clássica; História da Arqueologia; Estudo das populações subalternas; Recepção e usos modernos da Antiguidade; História do Cristianismo na Antiguidade e Idade Média; Teoria Social e Educação; Relações étnico-raciais, Patrimônio Histórico e Ensino de História. Publicou diversos artigos e capítulos de livros no Brasil, Espanha e Itália. É coorganizador dos livros *Historia Antigua en Diálogo. Humanidades Digitales e innovaciones metodológicas* (Oxford, Archaeopress, 2022) e *Desigualdade social na Antiguidade: agenciamentos e linhas de fuga* (São Carlos, Editora Pedro e João, 2023). E-mail: fnd.silva@udesc.br

Giselle Bastos Pereira – Museóloga pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Foi

estagiária do Museu Histórico Nacional e atua como Assistente Administrativa do Setor de Numismática do mesmo Museu. E-mail: gisellebastos20@gmail.com

Gladys Mary Santos Sales – Titular de cargo como Arqueóloga no Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN em São Paulo. É Doutora e mestra pelo MAE/USP. Atualmente desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado no MAE-USP. É especialista *lato sensu* em Arqueologia e graduada em História - Licenciatura Plena pela Universidade de Santo Amaro - UNISA. É pesquisadora associada ao Laboratório de Arqueologia Romana Provincial-LARP/USP. E-mail: gladys@alumni.usp.br

Janira Feliciano Pohlmann – Pós-doutoranda em História no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, sob supervisão do Prof. Dr. Renan Frighetto. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Mediterrânicos da Universidade Federal do Paraná (NEMED-UFPR) e do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, Seção UNESP/Franca (G.LEIR/Franca). Desenvolve suas pesquisas considerando as transformações, reelaborações e permanências ocorridas entre o século III e V nos territórios romano-ocidentais, período que entende estar inserido no arco cronológico da Antiguidade Tardia. E-mail: janirapo@yahoo.com.br

João Gomes Braatz – Mestre e Licenciado em História pela Universidade Federal de Pelotas. Colaborador discente do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga (LECA/UFPel). Pesquisa na área de História Antiga, com ênfase na Índia e outros "Orientes". E-mail: joao.braatz@hotmail.com

Maricí Martins Magalhães – Atualmente membro do Conselho Diretivo do *Comitato per gli Scavi di Stabia (fondato nel 1950)* e do Comitê Científico da Revista Cultura e Território.

Rivista di Studi e Ricerche nell'Area Stabiana e dei Monti Lattari (Itália). Atuou como consultora e avaliadora numismática do Museu de Valores do Banco Central do Brasil. Atuou como Professora Pesquisadora da FAPERJ no Setor de Numismática do Museu Histórico Nacional (*Sylloge Nummorum Graecorum e Sylloge Nummorum Romanorum – Republica Romana*). Atuou como docente em disciplinas da área Arqueologia, Epigrafia e Numismática do Departamento de História e da Pós-Graduação da UFRJ. Docente para os cursos de Especialização em Arqueologia e Epigrafia do Núcleo de Estudos de Antiguidade da UERJ. Na Itália, docente de Arqueologia de Campo da Seção Didática da *Soprintendenza Archeologica di Pompei*, assistente da Direção e do Setor de Arqueologia e de Epigrafia do *Museo Correale di Terranova* (Sorrento), bem como assistente da Cátedra de História e Epigrafia da *Università degli Studi di Napoli L'Orientale*. Possui extensa bibliografia publicada no Brasil e no Exterior (Alemanha, Grã Bretanha, França, Japão e principalmente Itália). E-mail: marici.magalhaes@uol.com.br

Oswaldo M. Rodrigues Jr. – Mestre em Psicologia e Membro da Sociedade Numismática Brasileira desde 1984. Atuou como Assessor da Diretoria para Relacionamentos Internacionais – 2015-2020. Editor da Revista Numismática Brasileira (2019 -) e foi recipiente da Medalha de Mérito Numismático 2020. Diretor Social e de Divulgação (2021-2023) e diretor de Comunicação (2023-2025). Recipiente da Medalha do Mérito Numismático (2020). E-mail: oswrod@uol.com.br

Pedro Paulo Abreu Funari – Doutor em Arqueologia (1990), mestre em Antropologia Social (1986) e bacharel em História (1981) pela Universidade de São Paulo (USP). Possui livre-docência em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e nove pós-doutorados, passando por prestigiadas instituições internacionais, como a Illinois State University e a Stanford University, nos Estados Unidos da

América; a University College London e a Durham University, no Reino Unido; a Universitat de Barcelona, na Espanha; e a Université Paris Nanterre, na França. Atualmente, é Professor Titular e docente do Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, Distinguished Lecturer na University of Stanford, Research Associate na Illinois State University, na Universitat de Barcelona e na Université Laval, no Canadá. Pedro Paulo A. Funari é também assessor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, orientador em Stanford e Binghamton, colaborador da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: ppfunari@uol.com.br

Ricardo Luiz de Souza – Possui Graduação em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ (2015) e Especialização em Mídias na Educação pela Universidade Federal de São João del Rei-UFSJ (2019). Também é Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas-Unifal (2022). Atualmente, cursa Doutorado em História na linha: Memória, Cultura e Visualidades pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Atuou como professor de História da Rede Estadual do Estado de Minas Gerais, e atualmente ocupa o cargo de Historiador na Prefeitura Municipal de Andradas/MG. E-mail: ricardo.souza@sou.unifal-mg.edu.br

Vagner Carvalho Porto – Mestre e doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). Desenvolve, atualmente, pesquisas arqueológicas no sítio arqueológico de Tel Dor, Israel (processo Fapesp 2020/16698-0; processo CNPq 420099/2022-0). Atualmente é professor do PPGMAE-USP. É Presidente da Comissão de Cultura e Extensão do MAE-USP. Tem experiência na área de Arqueologia Mediterrânea e do Oriente Próximo, Arqueologia Romana Provincial, Numismática do Mundo Antigo, Curadoria de Exposições, Musealização de Acervos Arqueológicos e Humanidades Digitais. É Coordenador do

LARP-MAE-USP. É Coordenador dos Grupos de Pesquisas
CNPq Numismática Antiga e ARISE - Arqueologia Interativa
e Simulações Eletrônicas. É co-editor chefe da RevMae-USP.
É Bolsista Produtividade CNPq, nível 2. E-mail:
vagnerporto@usp.br



A coletânea, *Numisma: estudos interdisciplinares sobre numismática antiga (Vol.1)*, é uma iniciativa do Laboratório ATRIVM / UFMS em parceria com a Universidade do Minho - PT, o Museu Histórico Nacional e a Universidade de Vassouras. Nesta obra reunimos pesquisadores que refletem os acervos numismáticos e a sua divulgação científica, bem como as relações político-culturais de cada época investigada.

Os Organizadores



Universidade do Minho



UNIVERSIDADE DE VASSOURAS



GHIPE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL



MINISTÉRIO DA CULTURA

